

As contribuições semânticas e pragmáticas do diminutivo na predicação secundária

The semantic and pragmatic contributions of the diminutive in secondary predication

Andrea Knöpfle

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Este trabalho investiga a contribuição do diminutivo (em adjetivos predicativos orientados para o objeto) para uma leitura de resultado, como em: [Carlos ralou a cenoura *fininha*] (Carlos ralou a cenoura, e o resultado dessa ação foi a cenoura ficar fina). A ausência da flexão revela um contraste: [Carlos ralou a cenoura fina], em que a leitura mais saliente é a atributiva (DP acusativo e adjetivo integram um mesmo constituinte). Assim, o objetivo deste trabalho é investigar o fenômeno por um viés semântico-pragmático, uma vez que o diminutivo nas construções em jogo não ocorre em seu significado *default* ou estritamente composicional. Por outro lado, o significado também não é arbitrário, mas sim traz (generalizadamente) uma leitura de resultado. A evidência independente para se analisar esse uso do diminutivo em termos semânticos/pragmáticos encontra respaldo em Pires de Oliveira e Basso (2014), que analisam determinados usos não convencionais do diminutivo em Português brasileiro. A presente pesquisa, então, estende à predicação secundária os testes propostos em Pires de Oliveira e Basso. O resultado parece indicar algumas características das construções que as aproximam de implicaturas convencionais (como em Potts, 2005) em termos do sentido depreendido (“disparado”) pela presença da flexão de diminutivo.

Andrea Knöpfle

Doutora em Letras – Estudos Linguísticos. Professora adjunta da Universidade Federal do Paraná, Departamento de Literatura e Linguística. <https://orcid.org/0000-0002-6656-2095>.

Recebido em:
21/02/2024

Aceito em:
28/07/2024

AGOSTO/2024
ISSN 2317-9945 (On-line)
ISSN 0103-6858
p. 261 - 279

PALAVRAS-CHAVE

Diminutivo; predicação secundária; resultativo

ABSTRACT

This work investigates the contribution of the diminutive (in object-oriented predicative adjectives) to a resultative reading, as in: [Carlos ralou a cenoura *fininha*] (Carlos grated the carrot thin_diminutive); “Carlos grated the carrot, and the result of this action was that the carrot became thin). The absence of inflection reveals a contrast: [Carlos ralou a cenoura fina], in which the most prominent reading is the attributive one (accusative DP

and adjective are within the same constituent). Thus, this work aims to investigate the phenomenon from a semantic-pragmatic perspective, since the diminutive in the constructions does not occur in its default or strictly compositional meaning. On the other hand, the meaning is also not arbitrary, but rather brings (generally) a resultative reading. The independent evidence to analyze this use of the diminutive in semantic/pragmatic terms is supported by Pires de Oliveira and Basso (2014), who analyze certain unconventional uses of the diminutive in Brazilian Portuguese. The present research then extends the tests proposed in Pires de Oliveira and Basso to secondary predication. The result seems to indicate some characteristics of the constructions that bring those closer to conventional implicatures in terms of the meaning inferred (“triggered”) by the presence of the diminutive inflection.

KEYWORDS

Diminutive; secondary predication; resultative

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga em que medida a flexão de diminutivo no adjetivo predicativo (orientado para o objeto) propicia uma leitura de resultado em construções de predicação secundária. A ausência da flexão revela um contraste, em que a leitura mais saliente é a atributiva (Sintagma Determinante (DP) acusativo e adjetivo integram um mesmo constituinte). Vejamos:

(01) a. Carlos ralou a cenoura *fininha*.

→ Carlos ralou a cenoura, e o resultado dessa ação foi a cenoura ficar fina.

b. Bia cozinhou os legumes *molinhos*.

→ Bia cozinhou os legumes, e o resultado dessa ação foi os legumes ficarem moles.

a'. Carlos ralou a cenoura fina.

→ Dentre as cenouras disponíveis, Carlos ralou aquela que era fina.

b'. Bia cozinhou os legumes moles.

→ Dentre os legumes disponíveis, Bia cozinhou aqueles que estavam moles.

Aparentemente, a presença da flexão de diminutivo entra numa relação morfossintática que atesta a construção predicativa (e consequentemente uma leitura de resultado), diferentemente da ausência de flexão, que desfavorece tal leitura. Tal contraste já foi apresentado na literatura (Lobato, 2004; Knöpfle, 2017; *inter alia*), mas ainda carece de maior descrição – sendo essa a motivação para a presente pesquisa.

Adicionalmente, é possível que ambas as leituras (predicativa *versus* atributiva) estejam disponíveis em ambas as construções (com e sem flexão de diminutivo). Nesse sentido, estaríamos tratando de leituras mais salientes ou menos salientes, em que a presença do diminutivo gera contraste favorável à interpretação resultativa. Partindo-se da hipótese investigativa de que seja esse o caso, a questão é o porquê desse contraste e em que medida a morfologia atua, a esse respeito, na gramática.

Assim, este trabalho se propõe a investigar o fenômeno por um viés semântico-pragmático, uma vez que o diminutivo nas construções em jogo não ocorre em seu significado *default* ou estritamente composicional (ou seja, algo “comparativamente menor”). Por outro lado, o significado também não é arbitrário, mas sim traz (generalizadamente) uma leitura de resultado.

A evidência independente para se analisar esse uso do diminutivo em termos semânticos/pragmáticos encontra respaldo em Pires de Oliveira e Basso (2014), que analisam exemplos como os em (02):

- (02) a. Ele saiu *agorinha*, mas já volta. (há pouco tempo)
- b. Essa sua *namoradinha* é mesmo irritante. (menosprezo)
- c. A *namoradinha* nova dele é uma querida. (carinho)

Para não precisar recorrer a noções de que o diminutivo seria em algum sentido ambíguo ou polissêmico, Pires de Oliveira e Basso (2014) procuram responder à questão de qual significado seria semântico e qual seria derivado pragmaticamente. Do ponto de vista semântico, os autores apontam que as pesquisas em relação ao diminutivo procuram contemplar três características principais: a diversidade de significados; a variação de significados ser semelhante em diferentes línguas; alguns significados são, aparentemente, contraditórios. Adicionalmente, os autores indicam que a existência de interpretações contraditórias nos diminutivos pode ser um indicativo de se tratar de implicaturas.

Para os diminutivos não estritamente composicionais, tampouco aqueles que criam palavras novas, há um padrão de significação (intensidade ou afetividade) que se mostra relativamente uniforme. Pires de Oliveira e Basso (2014) partem, então, de uma noção de implicatura convencional baseada em Potts (2005), em que, apesar de terem como base as intuições de Grice (1975), dele distanciam-se, uma vez que, para Potts, as implicaturas convencionais são semânticas (uma das características dessas implicaturas é o fato de não serem canceláveis).

Quanto aos diminutivos que contribuem para o significado de resultado, a presente pesquisa estende à predicação secundária os testes propostos em Pires de Oliveira e Basso (2014). O resultado parece indicar, a princípio, algumas características das construções que as aproximam de implicaturas convencionais em termos do sentido depreendido (“disparado”) pela presença da flexão de diminutivo.

Com o objetivo de desenvolver o acima exposto, a primeira seção apre-

senta o objeto de estudo como pertencente a construções que envolvem a predicação secundária, enfatizando a presença do morfema de diminutivo enquanto foco de análise. Então, os diferentes usos do diminutivo em PB são colocados. Na sequência, há retomada e aprofundamento do objeto de estudo enquanto pertencente às construções que envolvem sentido de resultado. A última seção retoma as questões e hipóteses sinalizadas e propõe, em alguma medida, direcionamentos analíticos.

2. O fenômeno linguístico: a predicação secundária

A predicação secundária tem sido tema de intensa pesquisa linguística no Brasil, sobretudo desde Foltran (1999). Para o português, Bisol (1975) foi pioneira na pesquisa compreendendo esse tipo de dado como parte do que se entendia como predicação complexa (seguindo a Teoria Padrão (Estendida)¹). Atualmente, podemos entender a predicação complexa como compreendendo as estruturas foco desse projeto de pesquisa, isto é, predicação secundária, bem como as *Small Clauses* (ou Mini-Orações)².

A predicação secundária pode ser tratada informalmente como aquela predicação que se dá com um argumento que já participa de uma relação de complementação ou de uma predicação primária (Carreira, 2015). Aqui nos interessam as estruturas cuja predicação secundária é orientada para o objeto; particularmente, aquelas que denotam a atribuição de um estado resultante sobre o DP_{ACC} (objeto do verbo) como resultado de uma ação verbal. Vejamos:

(03) a. João varreu o chão limpinho.

→ João varreu o chão, e o resultado dessa ação foi o chão ficar limpo.

b. Maria martelou o prego tortinho.

→ Maria martelou o prego, e o resultado dessa ação foi o prego ficar torto.

c. Carlos ralou a cenoura fininha.

→ Carlos ralou a cenoura, e o resultado dessa ação foi a cenoura ficar fina.

d. Bia cozinhou os legumes molinhos.

→ Bia cozinhou os legumes, e o resultado dessa ação foi os legumes ficarem moles.

Assim, esta pesquisa tem como centro das investigações a contribuição semântica, e/ou possivelmente pragmática, que o morfema de diminutivo aciona em determinadas construções de predicação secundária no português brasileiro (PB). Especificamente, trata-se de uma interpretação de resultado manifestada quando da presença de *-inh(o/a)* no adjetivo que

1 Ver Chomsky 1964, 1965, 1970, 1973 e 1975.

2 Para uma abogagem do estado de arte das *Small Clauses*, ver Foltran, Carreira e Knöpfle (2017).

participa da sentença. Nota-se que, quando há o morfema de diminutivo no adjetivo da construção, a leitura é mais orientada para o predicado secundário enquanto estado resultante; quando não há o morfema de diminutivo no adjetivo, a leitura é mais orientada para um sentido atributivo (tratando-se, portanto, de um adjetivo dentro do sintagma nominal, e não mais como predicado secundário). É possível que, entre uma interpretação e outra, exista uma espécie de gradação.

(04) a. João varreu o chão limpo.

→ Dentre os chãos disponíveis, João varreu aquele que estava limpo.

b. Maria martelou o prego torto.

→ Dentre os pregos disponíveis, Maria martelou aquele que estava torto.

c. Carlos ralou a cenoura fina.

→ Dentre as cenouras disponíveis, Carlos ralou aquela que era fina.

d. Bia cozinhou os legumes moles.

→ Dentre os legumes disponíveis, Bia cozinhou aqueles que estavam moles.

A rigor, é possível que a leitura de estado resultante também seja possível nos dados em (04). Da mesma maneira, é possível que a leitura atributiva (isto é, não predicativa e de estado resultante) esteja disponível nos dados em (03), e essa questão parece ser importante e será retomada na última seção. Deve-se também ter em mente que a prosódia/curva entoacional tem relevância para uma interpretação ou outra.³ Mesmo assim, é evidente que a presença do diminutivo gera contraste favorável à interpretação resultativa. A grande questão, nesse ponto, é o porquê desse contraste e em que medida a morfologia atua, a esse respeito, na gramática.

Vale notar que foi Lobato (2004) quem primeiramente apontou o fato de que determinadas modificações no adjetivo licenciavam a leitura resultativa: formas superlativas ou superlativas sintéticas, ou ainda adjetivos em iteração (repetição) ou adjetivos modificados. Vejamos o paradigma proposto pela autora:

(05) a. *João pintou a casa amarela.

b. João pintou a casa muito amarela.

c. João pintou a casa amarelinha, amarelinha.

d. João pintou a casa bem amarelinha.

3 Nesse contexto, podemos pensar também em alongamento de sílaba, pausa e curva prosódica. Relevante, nesse primeiro momento, é considerar o diminutivo como um elemento que, dentro da prosódia "adequada", marca/favorece a interpretação resultativa.

e. João pintou a casa bem amarelíssima.⁴

Segundo a autora, o dado em (05a) é agramatical na leitura resultativa, diferentemente dos dados em (05b-e). Mesmo com alguma ressalva (minha) acerca dos julgamentos de aceitabilidade para o paradigma em (05), nota-se que a modificação “ativa” (ou potencialmente tem o poder de ativar) a leitura resultativa, isto é, a casa se torna amarela como resultado da ação de pintar⁵. À época, a preocupação de Lobato (2004) era demonstrar que construções resultativas, como as que acontecem tipicamente em línguas como o inglês, eram possíveis no PB; com essa argumentação, a autora tomou posição sobre o debate acerca da existência das referidas construções em PB⁶.

Para além da polêmica sobre a formação desse tipo de construção em PB, há uma nítida contribuição do morfema de diminutivo para a interpretação de resultado⁷. Dessa forma, em um primeiro momento, o recorte para esta pesquisa é na atuação do diminutivo e o significado de resultado para a construção, conforme apontam os dados em (03)-(04). Esse recorte se justifica na medida em que se suspeita que motivações semânticas e pragmáticas estejam em jogo. Em primeiro lugar, o diminutivo ocorre em seu significado não composicional em muitas outras ocorrências na língua (como é desenvolvido na segunda seção). Em segundo lugar, os diminutivos nos dados em (03) também não correspondem ao seu significado composicional (ou seja, algo “comparativamente menor”).

Se, portanto, a contribuição do morfema não é a típica composicionalidade ou significação *default* de diminutivo, então talvez o fenômeno se insira num quadro mais amplo da gramática, a exemplo do que encontramos em outras construções, como desenvolve a próxima seção.

3. Os diferentes usos para o diminutivo em PB

Em PB, como também em outras línguas, observamos que o uso do diminutivo vai muito além do seu sentido “tradicional”, isto é, “algo com-

4 Exemplos de Lobato (2004, p.152, 158-159).

5 O paradigma de Lobato (2004) é expandido e explorado em Autor (2014, 2017a, 2017b) e é comentado na terceira seção.

6 São exemplos de construções resultativas no inglês:

(i) He screamed and his throat was sore.
Ele gritou sua garganta machucada/inflamada (sequência agramatical em PB)
"Ele gritou (tanto/de forma tal) que sua garganta ficou machucada/inflamada."
(ii) He drunk the teapot empty.
Ele bebeu a chaleira vazia (sequência agramatical em PB).
"Ele esvaziou a chaleira, bebendo todo o seu conteúdo."

7 Por razões de escopo deste projeto, não cabe aqui retomar a extensa discussão acerca das (im)possibilidades de construções resultativas em PB e línguas românicas em geral. Para tanto, remeto o leitor a Foltran (1999), Lobato (2004), Kratzer (2005), Reich (2007), Barbosa (2008, 2018), Autor (2014, 2017a, 2017b, 2018), Marcelino (2014), *inter alia*.

parativamente menor”. É o que se chama de uso ou significado não composicional. A ideia aqui, longe de ser exaustiva, é ilustrar esse ponto. Podemos pensar em vários exemplos como esses:

- (06) a. Ele saiu *agorinha*, mas já volta. (há pouco tempo)
- b. À *tardinha* eu te ligo. (final da tarde)
- c. Essa sua *namoradinha* é mesmo irritante. (menosprezo)
- d. A *namoradinha* nova dele é uma querida. (carinho)

Uma questão é como se explicar esses diferentes usos. Para não precisar recorrer a noções de que o diminutivo seria em algum sentido ambíguo ou polissêmico, Pires de Oliveira e Basso (2014) procuram responder à questão de qual significado seria semântico e qual seria derivado pragmaticamente. Do ponto de vista semântico, os autores apontam que as pesquisas em relação ao diminutivo procuram contemplar três características principais:

a enorme diversidade de significados do morfema que indica diminutivo; (ii) a relativa unidade de seu significado entre as línguas do mundo (ou seja, a variação de significado é semelhante em diferentes línguas); (iii) o fato de que alguns de seus significados são, ao menos aparentemente, contraditórios (Pires de Oliveira e Basso, 2014, p.176).

Os dados em (06) fornecem uma pequena ilustração de como essas três características acontecem nos usos do diminutivo. Pires de Oliveira e Basso (2014) comparam casos de significação contraditória (cf. (06c) e (06d)) com sentenças tautológicas (mãe é mãe) e contraditórias (Maria é e não é mulher), que também podem levar a interpretações contraditórias pois “disparam implicaturas particularizadas claramente dependentes de contexto” (Pires de Oliveira e Basso, 2014, p.177), questionando se esse também não seria o caso para certos usos do diminutivo.

A teoria da conversação de Grice (1975) prevê que os falantes, ao conversarem, processam o significado da sentença juntamente com as implicaturas, ou seja, o que se quer dizer para além do conteúdo ou proposição vinculados pela sentença. Com base no Princípio de Cooperação e ao explorar (ou aparentemente violar) as Máximas Conversacionais, o falante cria sentidos altamente dependentes do contexto e que vão além do dito pela sentença.⁸ Uma implicatura particularizada, portanto, é aquela que depende fortemente do contexto, ou seja, da situação de fala e dos conhecimentos compartilhados pelos falantes.

Assim, Pires de Oliveira e Basso (2014) indicam que a existência de interpretações contraditórias nos diminutivos pode ser um indicativo de se tratarem de implicaturas. Há, segundo os autores, três maneiras de o diminutivo contribuir com o significado: “estritamente composicional”,

8 Além de Grice (1975), ver também a didática apresentação da teoria da conversação e desdobramentos em Pires de Oliveira e Basso (2014).

“não estritamente composicional” e “não composicional”. O primeiro deles seria o sentido que eu chamei na introdução de *default* e ao qual os autores se referem como “vem numa versão menor”. Opostamente, o sentido “não composicional” não é processado como diminutivo em si, formando então uma palavra nova. São exemplos dos autores (Pires de Oliveira e Basso, 2014, p. 177):

- (07) a. Vamos comprar uma cadeirinha de balanço para o neném. estritamente composicional
b. Eu dei só uma escorregadinha e por isso não caí. estritamente composicional
c. Vamos brincar de amarelinha. não composicional
d. João caiu feito um patinho. não composicional

Em outros termos, para o sentido composicional, entendemos a formação morfológica [base+diminutivo], diferentemente do sentido não composicional (amarelinha = tipo de jogo; patinho = ingênuo). Já os usos “não estritamente composicionais” são, segundo os autores, os casos não comportados do diminutivo e constituem os empregos mais cotidianos da forma. São os casos em que o diminutivo veicula afetividade (enquanto afeição mesmo ou menosprezo) ou então algum tipo de intensidade:

- (08) a. Precisamos terminar isso rapidinho!
intensificação
b. Aquela mulherzinha do João, hein! afetividade
c. Meu filho, Joãozinho, já tem 65 anos, tem 1,95m de altura, e pesa quase 150kg. afetividade⁹

Nesses casos, não temos a expressão *default* de diminutivo, tampouco a criação de palavras novas. A contribuição não pode ser estritamente composicional nem não composicional, uma vez que há um padrão de significação (intensidade ou afetividade) que se mostra relativamente uniforme. A questão, pois, para os autores, é como compreender essa significação, ou seja, se ela seria semântica ou pragmática.

Pires de Oliveira e Basso (2014) partem de uma noção de implicatura convencional baseada em Potts (2005) a partir de um modelo de semântica multidimensional, em que uma sentença expressa mais de uma proposição. Para Potts (2005), as implicaturas convencionais são expressões que veiculam a avaliação subjetiva do falante sobre a proposição:

implicaturas convencionais são disparadas por expressões que não passam pelo teste do discurso indireto e sempre estão associadas ao falante, quer acrescentando um comentário seu quer expressando sua posição subjetiva a respeito do que está sendo veiculado, mas elas constituem parte do conteúdo semântico, elas constituem parte do significado da sentença. Não há, portanto, implicatura (Pires de Oliveira e Basso, 2014, p.166-167).¹⁰

9 Exemplos de Pires de Oliveira e Basso (2014, p.178).

10 É nesse sentido que os autores dizem que as implicaturas convencionais

Para os autores, as implicaturas convencionais de Potts, apesar de terem como base as intuições de Grice, distanciam-se dele, uma vez que, para Potts, as implicaturas convencionais são semânticas.¹¹

Assim, testes são propostos para se averiguar a hipótese de os diminutivos não estritamente composicionais serem implicaturas convencionais (no sentido de Potts). Para tanto, Pires de Oliveira e Basso (2014) elencam as seguintes propriedades: (a) independência do conteúdo imediato (*at issue*); (b) dependência da perspectiva do falante ou subjetividade: se mudarmos o falante, mudamos a perspectiva; (c) inefabilidade descritiva: dificuldade de substituir o conteúdo expressivo por algum tipo de paráfrase; (d) repetibilidade: é possível repetir uma forma expressiva sem gerar redundâncias, mas sim reforçando o seu conteúdo. Vejamos os testes aplicados pelos autores (Pires de Oliveira e Basso, 2014, p.180-181):

(09) Termina essa lição rapidinho ou vamos perder o ônibus.

Para (09) observamos a independência do conteúdo imediato (“termina essa lição rapidamente ou vamos perder o ônibus”) com o conteúdo expressivo (“o falante tem urgência de que essa tarefa termine”, isto é, “rapidinho” *versus* “rápido”).

Em (10a-b), temos que a relação de afetividade atribuída a “o cachorrinho” muda conforme muda o falante, ou seja, temos a dependência da perspectiva do falante ou subjetividade.

(10) a. João: O cachorrinho de Maria tá doente.

b. Pedro: João disse que o cachorrinho de Maria tá doente.

c. João: ? O cachorrinho de Maria tá doente. Mas eu não gosto dele.

d. Pedro: ? João disse que o cachorrinho de Maria tá doente. Mas eu não gosto dele o cachorro

Em outros termos, quem tem uma atitude positiva (veiculada pelo diminutivo em cachorrinho) em relação ao cachorro de Maria (ainda que ele seja um cachorro bem grande) é o falante. Isso explica o estranhamento em (10c-d): o conteúdo expressivo se relaciona diretamente ao falante.

A inefabilidade descritiva prevê a dificuldade de se oferecer uma paráfrase que capture completamente o conteúdo veiculado. Os autores colocam os exemplos em (11), mostrando o contraste de significado com e sem diminutivo e argumentam que parafrasear fidedignamente as sentenças com diminutivo é muito difícil.

existem, mas não são implicaturas.

11 Por exemplo: uma das características dessas implicaturas é o fato de não serem canceláveis. Se a expressão veiculada não é cancelável, ela é acarretada pela sentença proferida, tratando-se, portanto, de uma informação semântica e não pragmática.

(11) a. João (vendo um jogo de futebol): Esse juiz não vale o que come!

a'. João (vendo um jogo de futebol): Esse juizinho não vale o que come!

b. Ontem, João fez uma comida boa.

b'. Ontem, João fez uma comidinha boa.

Finalmente, a repetibilidade diz respeito a se poder iterar “os itens da dimensão expressiva sem redundância e com efeito de intensificação”, como vemos em (12). O mesmo pode ser feito com os diminutivos não estritamente composicionais (cf. 13):

(12) a. Esqueci as chaves na casa de João!

b. Esqueci “a droga das” chaves na casa de João!

c. Esqueci “a droga das” chaves “na porra da” casa de João!

d. “Putá merda”, esqueci “a droga das” chaves “na porra da” casa de João!

(13) a. João conversou comigo só um pouquinhozinho...

b. Ah que saudadinha da minha avozinha queridinha do meu coraçãozinho...

O que Pires de Oliveira e Basso (2014) procuram apontar é a possibilidade de se entender o significado expressivo de certos usos não composicionais do diminutivo pelo viés pragmático. Essa perspectiva de análise pode ser interessante para o entendimento dos diminutivos em predicação secundária que expressam resultado. Na última seção, os testes das implicaturas são estendidos às construções foco da pesquisa como hipótese analítica. Antes, porém, vemos mais de perto tais construções.

4. Predicação secundária e o sentido de resultado

Esta seção faz uma breve revisão bibliográfica acerca das construções de predicação secundária que expressam sentido de resultado em PB. Essa língua apresenta sequências do tipo $[DP_{NOM} V DP_{ACC} AP]^{12}$, em que a ação desencadeada pelo verbo tem um efeito de estado resultante (denotado no AP) sobre o DP_{ACC} . Essas estruturas foram objeto de estudo de autores como Foltran (1999) e Lobato (2004), como exemplificam os dados em (14).

(14) a. Ele cortou o cabelo curto.

- b. Ele desenhou o círculo torto.
- c. Ele fabricou a cadeira torta.¹³
- d. Ela costurou a saia justa.
- e. O engenheiro construiu a ponte sólida.
- f. Deus criou os homens fracos.¹⁴

Foltran (1999) analisa os dados do PB e apresenta restrições de produção em relação às construções resultativas encontradas em línguas como o inglês, por exemplo. A primeira diferença apontada pela autora é de ordem aspectual: em PB, os predicados secundários não têm a propriedade de transformar um evento não delimitado em delimitado, diferentemente das resultativas do inglês, como *hammer the metal flat* – uma resultativa (prototípica) do inglês¹⁵. Nela, podemos observar que o sintagma resultativo *flat* (plano/achatado) adiciona telicidade ao evento de *hammer* (martelar), que por si só seria uma eventualidade do tipo ação, sem um ponto final implícito. Ou seja, a adição do sintagma resultativo nas sentenças no PB não altera a classe aspectual do sintagma verbal, sendo que o predicado secundário parece fornecer uma descrição mais exata desse estado final. Foltran (1999) nota que não são encontradas em PB resultativas com verbos de atividade (como *run* e *drink*, *correr* e *beber*¹⁶) com ponto final indeterminado. Dados em inglês, muito parecidos com (14), foram analisados por Levinson (2007, 2010) e chamados de “pseudoresultativas”, uma vez que o evento denotado pelo verbo “cria” uma entidade não preexistente à ação verbal e o AP denota o estado (resultado) dessa entidade.

(15)

a. Mary braided her hair tight.

Mary trançou seu cabelo firme/apertado

“Mary trançou seu cabelo bem firme.”

b. Mary piled the cushions high.

Mary empilhou as almofadas alto

Mary empilhou as almofadas alto.”

No exemplo prototípico da autora *Mary braided her hair tight* (15a), o

13 Exemplos de Foltran, (1999, p.149-151).

14 Exemplo de Lobato (2004, p.158,162,163).

15 Ex.: He hammered the metal flat.
Ele martelou o metal plano/achatado.
"Ele martelou e o resultado dessa ação foi o metal ficar achatado".

16 Ver os exemplos na nota 7.

adjetivo não modifica o objeto direto; ou seja, o que se torna *tight* (firme, apertado) por meio do verbo *braid* (trançar) não é o objeto direto *the hair* (o cabelo), mas sim *the braid* (a trança), criada pelo evento *braiding* (trançar).¹⁷ Diferentemente, em *hammer the metal flat* (martelar o metal plano), *the metal* (o metal) se torna *flat* (plano) como resultado do evento de martelar. Knöpfle (2017a, 2017b) analisa dados como os em (15) para o PB e nota que, diferentemente do inglês, (muitos) deles precisam de alguma modificação no adjetivo para fornecerem a leitura resultativa.¹⁸

- (16) a. Mary braided her hair tight.
b.*Mary trançou seu cabelo firme.
c. Mary trançou seu cabelo bem firme.
d. Mary trançou seu cabelo firminho.
- (17) a. Mary tied her shoelaces tight.
b.?Mary amarrou o cadarço dela apertado.
c. Mary amarrou o cadarço dela bem apertado.
d. Mary amarrou o cadarço dela apertadinho.
- (18) a. Mary chopped the parsley fine.
b.*Mary picou a salsa fina
c. Mary picou a salsa bem fina.
c. Mary picou a salsa fininha.
- (19) a. Mary sliced the bread thin.
b.*Mary fatiou o pão fino.
c. Mary fatiou o pão bem fino.
d. Mary fatiou o pão fininho.

Entretanto, não são todas as pseudoresultativas que precisam de modificação para licenciar a leitura resultativa. Notamos que em (20b), di-

17 Com uma análise morfossemântica e dentro do quadro da Morfologia Distribuída, a autora argumenta que os predicados de pseudoresultativas não modificam nenhuma palavra na sintaxe, mas sim a raiz do verbo em uma configuração licenciada pelo tipo semântico da raiz e pela estrutura de verbos que a autora chama de *root creation verbs*.

18 A ideia para a modificação do adjetivo parte da expansão da proposta de Lobato (2004), em que adjetivos nas formas superlativas ou superlativas sintéticas, ou ainda adjetivos em iteração ou adjetivos modificados licenciam a leitura resultativa.

ferentemente do que observamos para os outros dados, não é possível fazer a concordância em gênero e número com o DP_{ACC}. Colocar o adjetivo no diminutivo aqui, diferentemente de outra modificação, é no mínimo muito estranho ((21c) e (21d)).

- (20) a. Mary piled the cushions high.
Mary empilhou as almofadas alto.
b. Mary empilhou as almofadas alto/*altas.
c. Mary empilhou as almofadas bem alto.
d. ??Mary empilhou as almofadas altinho.

Esse foi o único dado desse tipo encontrado. O comportamento não padrão talvez seja pelo fato de que o que se “constrói” com o verbo empilhar é uma “pilha”, e o adjetivo parece mais se comportar como um advérbio (ou modificador verbal), portanto, invariável. Outra possibilidade é que, particularmente nesse caso, as características do adjetivo não poderiam coincidir com o resultado do evento¹⁹. Já para as construções moldadas com verbos de ação, cujo efeito de ação se dá sobre um objeto preexistente à ação verbal, Knöpfler (2017a, 2017b) demonstra que essas, sim, parecem precisar ser licenciadas (para a leitura de resultado) mediante algum tipo de modificação no adjetivo, a exemplo dos dados em (03)-(04), repetidos e contrastados aqui por conveniência.

- | | |
|---------------------------------------|-------------|
| (21) a. João varreu o chão limpo. | Leitura |
| mais saliente: atributiva | |
| a'. João varreu o chão limpinho. | Leitura |
| mais saliente: resultativa | |
| b. Maria martelou o prego torto. | atributiva |
| b'. Maria martelou o prego tortinho. | resultativa |
| c. Carlos ralou a cenoura fina. | atributiva |
| c'. Carlos ralou a cenoura fininha. | resultativa |
| d. Bia cozinhou os legumes moles. | atributiva |
| d'. Bia cozinhou os legumes molinhos. | resultativa |

Interessa, para este trabalho, contribuição semântica (e ou pragmática) do diminutivo para a leitura de resultado. Assim, o foco se volta para o morfema de diminutivo nas referidas construções e seu lugar na gramática.

5. Propostas analíticas

As construções de predicação secundária orientadas para o objeto com leitura de resultado, em PB, têm essa interpretação altamente favorecida quando da presença do morfema de diminutivo -inh(o/a) no adjetivo, sendo que o adjetivo modificado passa a ter a leitura predicativa mais saliente em detrimento da leitura atributiva.

Uma vez que a contribuição do significado de -inh(o/a) não é estritamente composicional, a grande questão é como se constrói o significado resultativo. Novamente, não se trata de um significado não composicional imprevisível, uma vez que a leitura saliente é aquela em que o objeto verbal adquire o estado denotado pelo adjetivo (sem a leitura *default* de diminutivo, isto é, algo comparativamente menor). A seguir, as questões e hipóteses sinalizadas até agora são esquematicamente retomadas e, em alguma medida, desenvolvidas enquanto propostas analíticas.

6. construção do significado resultativo seria pragmática

Segundo Pires de Oliveira e Basso (2014), o significado não estritamente composicional do diminutivo em -inh(o/a) é promovido por meio de uma implicatura convencional²⁰. Nela, a expressão veicula a avaliação subjetiva do falante sobre a proposição.

Os autores demonstram a formação da implicatura convencional nas ocorrências em que a diminutivo expressa afetividade ou algum tipo de intensificação. Para tanto, utilizam-se das quatro propriedades das implicaturas: (1) independência do conteúdo imediato (*at issue*); (2) dependência da perspectiva do falante ou subjetividade: se mudarmos o falante, mudamos a perspectiva; (3) infabilidade descritiva: dificuldade de substituir o conteúdo expressivo por algum tipo de paráfrase; (4) repetibilidade: é possível repetir uma forma expressiva sem gerar redundâncias, mas sim reforçando o seu conteúdo.

A questão é se podemos aplicar essa indicação de análise para os diminutivos que constroem a interpretação de resultado. Nesse caso, a presença do diminutivo atuaria expressando algum tipo de intensificação, e tal intensificação é manifestada como sendo o resultado (que o objeto adquire por meio da ação verbal). Assim, por hipótese, a formação de predicação secundária com leitura de resultado vai além da morfossintaxe e se constrói na interface com a pragmática. Vamos, para tanto, aplicar os testes para as construções em análise, exemplificadas por (25).

(22) a. João varreu o chão limpinho.

→ João varreu o chão, e o resultado dessa ação foi o chão ficar limpo.

A primeira característica diz respeito à independência do conteúdo imediato com o conteúdo expressivo. Vejamos como captar e separar um do outro. A princípio, vamos supor que o conteúdo imediato seja algo parecido

20 Vale lembrar que se trata de uma noção de implicatura convencional baseada em Potts (2005), em que, a rigor, não temos uma implicatura uma vez que conteúdo expressivo faz parte do conteúdo semântico.

com o que está descrito na paráfrase; e vamos então supor que o conteúdo expressivo tenha alguma relação com o significado de intensificação promovido pelo adjetivo no diminutivo, algo como “João varreu o chão e o chão ficou bem limpo, ou limpo de fato, isto é, limpinho”. Se esse raciocínio se verificar, temos então a primeira característica da implicatura aplicada satisfatoriamente ao dado.

A segunda característica da implicatura prevê a dependência da perspectiva do falante ou subjetividade: se mudarmos o falante, mudamos a perspectiva²¹. Vejamos:

- (23) a. Maria: João varreu o chão limpinho.
b. Pedro: Maria disse que João varreu o chão limpinho.
c. Maria: ? João varreu o chão limpinho. Mas eu acho que ficou sujo.
d. Pedro: ? Maria disse que João varreu o chão limpinho. Mas eu acho que ficou sujo.

Em (23a-b), temos falantes se referindo ao significado de “o chão ter ficado limpo de fato após a varredura”. Em (23a), quem atesta o significado é Maria, que também é a falante. Porém, em (23b), quem fala é Pedro, mas quem atesta o significado continua sendo Maria. O exemplo (23c) é estranho, pois se João diz que “o chão ficou limpinho” (e portanto é quem atesta o significado veiculado pelo diminutivo), Maria não pode ir contra esse significado. O mesmo estranhamento parece acontecer com (23d): o conteúdo expressivo se relaciona diretamente ao falante.

A terceira característica (inefabilidade descritiva) prevê a dificuldade de se oferecer uma paráfrase que capture completamente o conteúdo veiculado. O dado em (22) foi colocado seguido de sua paráfrase, que parece não oferecer a dificuldade de formulação sugerida pela característica da implicatura. Portanto, ou melhor se define o que tomar por “dificuldade de paráfrase”, ou a característica não se aplica.

A repetibilidade – quarta e última característica de implicatura – diz respeito a se poder iterar “os itens da dimensão expressiva sem redundância e com efeito de intensificação”. Aplicada aos dados em análise, tal característica procede:

- (24) a. João varreu o chão limpinho, limpinho.

21 Compare-se essa característica de implicatura no paradigma em (23) e no colocado em (10), repetido abaixo:

- (10) a. João: O cachorrinho de Maria tá doente.
b. Pedro: João disse que o cachorrinho de Maria está doente.
c. João: ? O cachorrinho de Maria tá doente. Mas eu não gosto dele.
d. Pedro: ? João disse que o cachorrinho de Maria tá doente. Mas eu não

gosto dele.
Em (10a-b), a relação de afetividade atribuída a “o cachorrinho” muda conforme muda o falante (demonstrando a dependência da perspectiva do falante ou subjetividade), o que também vemos no estranhamento em (10c-d).

b. João varreu o chão limpinhozinho.

Das quatro características elencadas por Pires de Oliveira e Basso (2014) para verificar a implicatura convencional, parece que apenas uma não se aplica ao diminutivo da predicação secundária com sentido de resultado. Mesmo assim, seria precipitado descartar a análise pelo viés pragmático, uma vez que (como os próprios autores apontam) há ainda muito que se estudar para entender a dimensão expressiva das trocas linguísticas. Uma possibilidade é que, para os dados em questão, estejamos diante de algum outro tipo de implicatura do que aquela disparada pelos diminutivos que veiculam intensidade e afetividade.

Vale notar que as implicaturas convencionais, conforme Potts (2005), não podem ser canceladas. O mesmo vale para o significado de resultado dos diminutivos:

(25) a. ? João varreu o chão limpinho, mas sobrou uma sujeirinha no canto.

b. ? Bia cozinhou os legumes molinhos, mas um deles ficou duro.

Assim, até agora, não parece haver indicações sólidas para se descartar uma análise baseada na construção do significado por meio de implicaturas.²²

7. Significado de resultado: gramaticalidade ou aceitabilidade?

A hipótese de o significado resultativo ser construído por meio de uma implicatura convencional (no sentido de Potts) assume que tal significado faz parte também do conteúdo semântico. Se for assim, ou seja, se o sentido de resultado for construído para além do que prevê sua descrição estrutural, isto é, sua sintaxe e morfologia estritas, então não poderíamos mais dizer que (26) é agramatical na leitura resultativa:

(26) a. João varreu o chão limpo.

Leitura resultativa: João varreu o chão, e o resultado dessa ação foi o chão ficar limpo.

Nessa situação, faria mais sentido se analisar o dado em (26a) como “estruturalmente ambíguo”, a rigor, teríamos sequências idênticas geradas por duas descrições estruturais distintas: em uma delas o adjetivo é adjunto do nome (a leitura atributiva), e em outra é predicado secundário (a leitura resultativa).²³ Porém, por razões contextuais e pragmáticas, a leitura mais

22 Alternativamente, se a leitura de resultado (atribuída pelo diminutivo na construção) não pode ser cancelada (c.f. 25), então não se trata verdadeiramente de uma implicatura, seguindo Basso e Pires de Oliveira (2014).

23 Vale lembrar que a prosódia refletiria uma constituição sintática diferente entre uma configuração em que o adjetivo seja atributivo (portanto adjunto do nome) e uma em que seja predicativo (numa posição do tipo *Small Clause*, por exemplo).

saliente (e, portanto, a aceitável, por *default*) é a atributiva. Inversamente, quando da presença do diminutivo no adjetivo, a leitura mais saliente é a predicativa (indicando resultado). Nesse sentido, é possível que, entre uma interpretação e outra, exista uma espécie de gradação²⁴ – conforme sinalizado na primeira seção. Claramente, testes para julgamentos de aceitabilidade (com um cuidadoso controle dos fatores pragmáticos) são um desdobramento futuro para o andamento da pesquisa.

Por ora, em um contexto *out of the blue*, o dado (26a) não promove, a princípio, a leitura resultativa.²⁵ Porém, o mesmo não poderia ser dito do dado similar em (27):

(27) Carlos cozinhou os ovos duros.

No dado acima, parece que a interpretação mais saliente é a resultativa: os ovos se tornaram duros pela ação de os cozinhar. Nesse caso, o contexto *out of the blue* é o de que os ovos vêm na sua “versão original” crus/moles, e eles precisam ser cozidos para assim se tornarem duros (e então poderem entrar na salada, na pizza etc.)

A consequência da hipótese prevista nesta subseção, portanto, é a de que o diminutivo não licencia a construção resultativa no sentido da gramaticalidade, mas favorece a sua aceitabilidade – isso se o contexto pragmático for desfavorável para a leitura resultativa, o que não acontece necessariamente em todos os casos.

8. A contribuição de significado para além do diminutivo

Não faz parte do escopo deste trabalho tratar das contribuições para o significado resultativo para além da morfologia de diminutivo, conforme justificado na introdução, ou seja, o recorte se justifica na medida em que se suspeita que motivações semânticas e pragmáticas estejam em jogo. Assim, trata-se de um recorte com vistas a facilitar a exposição e a problematização do tema. Porém, uma vez que a pesquisa avance, é interessante considerar as outras modificações do adjetivo que contribuem para o licenciamento da leitura de resultado, conforme primeiramente apontado por Lobato (2004).

Considerações

Este trabalho retomou e, em certa medida, aprofundou a base empírica de determinadas construções de predicação secundária em PB, notadamente as que possuem sentido de resultado. Demonstrou-se que, quando da presença do morfema de diminutivo *-inho* no adjetivo, esse adjetivo

24 Agradeço a parecerista anônimo por essa perspectiva analítico-interpretativa.

25 E acredito que o mesmo possa ser dito dos outros dados colocados em (04) e repetidos aqui:

(04) a. Maria martelou o prego torto.
b. Carlos ralou a cenoura fina.
c. Bia cozinhou os legumes moles.

pode (tende a) denotar o resultado atingido pelo objeto do verbo por meio da ação verbal – evidenciando uma construção (subjacente) predicativa. Diferentemente, quando da ausência de tal morfema, a interpretação é a de um adjetivo atributivo (dentro do sintagma nominal, e não mais como predicado secundário)

O encaminhamento analítico proposto neste trabalho analisou o contraste apresentado em termos semântico-pragmáticos, com base em Pires de Oliveira e Basso (2014). Os autores compreendem que determinados usos de diminutivos no PB (os usos não estritamente composicionais) disparam implicaturas convencionais, no sentido de Potts (2005). Como argumentação, Pires de Oliveira e Basso (2014) propuseram um conjunto de quatro testes aos dados.

Este trabalho, então, estendeu os testes aos dados de predicação secundária foco de estudo, indicando uma tendência favorável a se analisar o fenômeno por um viés semântico-pragmático, ainda que com algumas questões em aberto e com indicações de andamentos futuros para a pesquisa.

Referências

- BARBOSA, J. W. C. **A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BARBOSA, J. W. C. Ter estado resultante não é ter construção resultativa: predicados secundários pseudoresultativos e orações adjuntas de resultado no português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, vol. 34.2, p.547-576, 2018.
- BISOL, L. **Predicados complexos do português**: uma análise transformacional. Porto Alegre, URGs, 1975.
- CARREIRA, M. B. **Predicação e Ambiguidade de Projeção: uma teoria unificada**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- CHOMSKY, N. **Current issues in linguistic theory**. The Hague: Mouton, 1964.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. Deep structure, surface structure and semantic interpretation. In: R. Jakobson & S. Kawamoto (eds.). **Studies in general and oriental linguistics presented to Shiro Hattori on the occasion of his sixtieth birthday**. Tokyo: TEC Co. Ltd., 1970.
- CHOMSKY, N. Conditions on transformations. In: S. Anderson & P. Kiparski (eds.) **A festschrift for Morris Halle**. New York: Holt, Rinehart and Winston, pp. 232-286, 1973.
- CHOMSKY, N. **Reflections on language**. New York: Pantheon, 1975.
- FOLTRAN, M. J. G. D.; CARREIRA, M. B.; KNÖPFLE. Small Clauses: Origins and State of Affairs. In: **Revista Linguística**. Generative Grammar: celebrating the 60th anniversary of Syntactic Structures (1957-2017). Volume 13, n. 2, Julho 2017, p. 372-390, 2017.

- FOLTRAN, M. J. **As Construções de Predicação Secundária no Português do Brasil: Aspectos Sintáticos e Semânticos**. Tese. São Paulo. 206 f. (Doutorado em Linguística), Universidade de São Paulo, 1999.
- GRICE, P. Logic and Conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry. **Syntax and Semantic 3: Speech Acts**, p. 41-58. New York: Elsevier Academic Press, 1975.
- KNÖPFLE. **Resultativas em línguas ocidentais germânicas: generalizações descritivas, descobertas empíricas e questões analíticas**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- KNÖPFLE. Predicação secundária, modificação e ambiguidade: uma reflexão de base empírica. In: **Revista do GELNE**, Natal/RN, Vol. 19, n. 2, p. 101-113. Jul-Dez. 2017a.
- KNÖPFLE. Sobre resultativas e pseudoresultativas: distinções de base empírica. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, vol.33, n. 2, p.315-346, Ago 2017, 2017b.
- KNÖPFLE. Uma proposta de descrição estrutural para resultativas. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.60, n.1. Campinas, p. 90-126, jan./abr., 2018.
- KRATZER, A. Building resultatives. In: MAIENBAUM, C.; WÖLLSTEIN-LEISEN, A. (eds.). **Event arguments in syntax, semantics, and discourse**. Tübingen: Niemeyer, 2005.
- LEVINSON, L. Arguments for pseudo-resultative predicates. In: **Natural Language and Linguistic Theory**, Volume 28.1, 2010.
- LEVINSON, L. **The roots of verbs**. Doctoral Dissertation, New York University, 2007.
- LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L.; FOLTRAN; M. J.; PIRES DE OLIVEIRA, R. (orgs.). **Sentido e Significação**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MARCELINO, M. Resultativas em Português Brasileiro. In: **Revista Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras**. Volume 18/1, 2014, p.121-137. 2014.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R. **Arquitetura da Conversação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- POTTS, C. **The Logic of Conventional Implicatures**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- RECH, N. A formação de construções resultativas no português brasileiro. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, 49, n. 1, p. 79-100, 2007.